

Prefácio para O Encontro entre Bandeira e Sinhô, livro de André Gardel

Hermano Vianna

1996

Não é exagero afirmar que os anos 20 foram a "época de ouro" do Rio de Janeiro. A cidade ainda vive as consequências do que aconteceu naquela década, quando, para usar um termo querido dos especialistas em história das ciências, foi criado um novo paradigma para a cultura urbana carioca (o paradigma do samba?). Mais do que isso: os anos 20 foram responsáveis pela invenção daquilo que até hoje é chamado de carioca, daquilo que acabou se transformando na cara da cidade. Este livro de André Gardel é uma contribuição de extrema importância para se entender esse período fundamental da história da cultura do Rio.

Uma interessante coincidência aproxima O encontro entre Bandeira e Sinhô do meu livro O mistério do samba. As pesquisas nas quais esses dois livros se baseiam foram realizadas na mesma época, independentemente, sem que um autor tivesse conhecimento do trabalho do outro. Contudo, os interesses que as motivaram eram os mesmos, e as estratégias utilizadas para abordar a mesma temática (apesar do meu viés antropológico e do ponto de partida literário de André Gardel) foram muito semelhantes. Tal "sincronicidade" não deve ser vista como algo surpreendente, ou mágico, mas sim como mais uma demonstração que Robert Musil estava certo ao se perguntar, referindo-se a tudo que o homem moderno pensa ou sente: "quem ousaria pretender hoje que sua cólera seja verdadeiramente sua, quando tanta gente lhe vem falar dela e a compartilha até numa medida maior que a dele?" Artimanhas do nosso espírito do tempo?

Não importa tanto a resposta: O encontro de Bandeira e Sinhô e O mistério do samba compartilham algo essencial: o fato de terem sido construídos em torno de dois eventos, ocorridos no Rio de Janeiro em datas muito próximas, que colocaram em contato segmentos da cultura "erudita" e "popular". O mistério do samba parte do encontro de Gilberto Freyre (e Sérgio Buarque de Holanda, e Prudente de Moraes Neto) com Pixinguinha (e Donga, e Patrício Teixeira). O encontro de Bandeira com Sinhô, como o próprio título deixa óbvio, parte do encontro entre Manuel Bandeira e José Barbosa da Silva, o Sinhô. Os personagens de um encontro poderiam estar no outro: Manuel Bandeira era amigo de Gilberto Freyre e Sinhô freqüentava as mesmas rodas de samba de Pixinguinha. O que só prova que os dois livros estão interessados em fenômenos da mesma natureza.

Que fenômenos são esses, e quais suas relações com a invenção de uma determinada cultura carioca, que passou a dominar a cidade a partir dos anos 20? Que cultura é essa? Em que cidade o Rio se transformou? Os encontros dos dois livros falam de uma cidade que, como escreve André Gardel, funcionava através de um "duplo movimento": "ora de rarefação ora de demarcação de fronteiras" entre mundos culturais. Até o início deste século, os poucos bairros do Rio misturavam gente de todas as classes sociais, e muitas vezes os cortiços eram vizinhos dos palacetes, possibilitando trocas rápidas entre os "salões" e os "terreiros". A partir dos anos 20 (um pouco antes ou um pouco depois), a cidade começou a adquirir suas feições atuais, dividida entre Zona Norte e Zona Sul e, principalmente, entre "morro" e "asfalto".

No meio desse movimento de divisão/partição, e contrariando todas as expectativas, a década de 20 foi um período de grande intercâmbio entre as elites e as camadas populares, tornando possível inclusive que o samba (gênero musical "fixado" nesta época) se transformasse em música nacional brasileira e ocupasse um lugar ainda hoje central - mesmo se tratando de uma cidade seriamente "partida" - na definição da cultura carioca. O encontro entre Manuel Bandeira e Sinhô, estudado por

André Gardel, é um exemplo perfeito de como, no Rio de Janeiro, as diferenças resistiram (sem constituir movimentos institucionalizados de resistência) à guetificação cultural, possibilitando todo tipo de "mestiçagens" culturais ou transculturalismos.

Talvez o maior mérito de O encontro de Bandeira e Sinhô seja mostrar que os pontos de contato entre os mundos culturais diversos não aconteciam apenas em bares da Lapa ou nas orgias do Mangue, mas também na própria escritura da poesia de Manuel Bandeira e das letras de Sinhô. Não que exista uma óbvia influência mútua entre os dois autores. As semelhanças são mais sutis e mais decisivas. As semelhanças estão naquilo que André Gardel tão bem denominou de "poética esperta". Bandeira e Sinhô usam e abusam, modernamente (como não poderia deixar de ser, pois quem disse que só os eruditos têm o direito e o dever da modernidade?), de recursos literários vanguardistas como a citação e a colagem. De certa forma, eles têm, no território da linguagem, a mesma atitude que na vida cotidiana: juntam elementos e mundos de significado de procedências muitas vezes aparentemente inconciliáveis. Manuel Bandeira definiu Sinhô como "o traço mais expressivo ligando os poetas, os artistas, a sociedade fina e culta às camadas profundas da ralé urbana." Ninguém deve ter dúvida de que esta definição também caía como uma luva sobre Manuel Bandeira e a maioria de seus amigos modernistas cariocas.

Outro ponto importante que André Gardel faz questão de deixar explícito é inexistência de uma maior originalidade, pureza ou autenticidade tanto no lado "erudito" quanto no lado "popular". Nem a poesia se aproveita do samba, nem o samba se aproveita do poesia. O caminho é de mão dupla: "É o lobo que come o lobo. A cobra que come a cobra." Não existe o erudito sem estar "corrompido" pelo popular, nem vice-versa. Nem as culturas são obras de um único grupo social (então, é necessário afirmar, por mais politicamente incorreta que possa parecer essa afirmação: o samba não é só do morro.) Talvez o mais interessante no mundo da cultura, aquilo que realmente importa e que deixa marcas profundas na vida cultural, aconteça exatamente no entre, no encontro entre diferenças, ou seja produto do trabalho (na vida e na arte, entre a vida e a arte) de mediadores geniais (e outros não tanto, pois de certa forma todo mundo é mediador) como Bandeira e Sinhô.

O encontro entre Bandeira e Sinhô também mostra ao leitor o quanto o estudo sobre a mediação cultural pode enriquecer velhos debates como o da identidade cultural e o da produção artística (as pistas mais esclarecedoras para entender determinadas obras podem estar ali, ao lado). O livro traz inúmeras sugestões para pesquisas que poderiam ser imediatamente iniciadas: por exemplo, uma biografia de Jaime Ovalle, a quem Bandeira se refere como "condão de estabelecer contatos", ou daquele umbandista pioneiro classificado como "agregador místico". O Rio de Janeiro dos anos 20 continua a ser um laboratório imbatível para esse tipo de reflexão.